

ANÁLISE SEMÂNTICA DA LINGUAGEM ESPECÍFICA DO SERINGUEIRO DO VALE DO RIO ACRE

Antonieta Buriti de Souza (USP/UFAC)

Ullmann, em *Semântica – uma introdução às ciências do significado*, afirma que as mudanças do significado das palavras já eram uma preocupação para os povos antigos. O caráter vago das palavras e a diversidade do seu emprego foram já notadas na *Ilíada*: “Volúvel é a língua dos mortais; as palavras têm muitos e variados sentidos, e o âmbito da fala é extenso para um e para outro lado”. (XX, vv. 248-9).

Analisar semanticamente alguns termos que se fazem presentes no falar cotidiano do seringueiro do Vale do Rio Acre é de primordial importância, pois a localização geográfica em que esse grupo de falantes se instala, ficando isolados no meio da floresta, nos faz acreditar que sua linguagem seja a mais conservadora possível; no entanto, necessário se faz salvar esse vocabulário para através disto mostrar as características específicas desse grupo de falantes pois, de acordo com Eugênio Coseriu (Sincronia...) o vocabulário constitui um indício muito sensível da cultura de um povo, uma vez que as mudanças de sentido, o desaparecimento total das palavras antigas, a criação e a aquisição de palavras novas dependem da história dessa própria cultura. Para A. Darmesteter (*La vie des mots*) afirma que, em virtude de toda língua estar em constante evolução, nela sempre concorrem duas forças opostas: uma que determina a conservação de termos clássicos do idioma e outra que motiva, no nível lexical, a criação de novos termos.

Quanto às mudanças de significado, Stephen Ullmann afirma que essas podem ser provocadas por uma infinita multiplicidade de causas, porém, algumas mudanças só podem ser estabelecidas pela reconstrução do fundo histórico completo. Ullmann aponta alguns fatores que favorecem às mudanças semânticas: a descontinuidade de transmissão da língua; a imprecisão do significado; a perda da motivação; a existência da polissemia; a existência de contextos ambíguos e a estrutura do vocabulário.

Na tentativa de reconstruir a história e evolução do linguajar do seringueiro do Vale do Rio Acre selecionamos alguns termos (quatro) para análise, os quais serão mostrados a seguir.

Termos dicionarizados:

RANCHO:

J. Corominas define rancho como o lugar onde se acomodam uma ou várias pessoas, especialmente soldados, marinheiros e gente que vive fora do povoado, para ele, é um termo derivado do verbo ranchar-se ou ranchar(se), ‘alojar-se’ termo soldadesco, tomado do francês se ranger ‘arrumar-

se', 'instalar-se em um lugar'(derivado de rang 'fileira', que procede de HRING 'círculo de gente').

Corominas afirma que nos séculos XVI e XVII rancho era palavra bem conhecida em todos os países que falavam o castelhano, designando toda espécie de moradia provisória ou simplesmente lugares onde se alojavam ou se acomodavam, com caráter mais ou menos passageiro, toda classe de nômades ou viajantes: soldados, índios, marinheiros, pescadores, ciganos, pastores e vagabundos. Era, portanto, uma palavra de soldados, que estes aplicaram às coisas e esconderijos dos índios americanos, logo depois esta palavra passou a ser usada para denominar moradia pobre e rural dos habitantes da América.

O vocábulo seguiu pertencendo básica e fundamentalmente ao falar dos militares, mas logo tomou o sentido de: a união de várias pessoas, em forma de roda, que comem juntas. Com este mesmo sentido passou para o catalão (ranxo), para o italiano (rancio).

Em Aurélio Buarque de Holanda são mostradas várias acepções da palavra Rancho, esse diz que o termo tem origem no esp. rancho e designa: 1. Grupo de pessoas em passeio, marcha, jornada ou trabalho: rancho de colonos, rancho de romeiros. 2. Acampamento ou barraca para abrigar rancho. 3. Bando de gente. 4. Nos quartéis, refeitório. 5. Refeição para muitos 6. Lugar onde os marinheiros comem. 7. Bras. Folcl. Grupo de pessoas, figurando vários personagens, que cantavam, dançavam e, às vezes, representavam verdadeiros reisados, durante as festas populares do ciclo do Natal. 8. Bras. Casa ou cabana no campo, nas roças, em canteiros de obras, etc., para abrigo provisório ou descanso dos trabalhadores. 9. Bras. Casa pobre, da roça, choça, ranchinho. 10. Bras. RJ. Rancho carnavalesco. [Dim. irreg.: ranchel.]

Acepção do termo RANCHO na linguagem do seringueiro acreano.

Rancho. s. m. Armazenagem de cereais e outros alimentos para o mês; alimento pronto que o seringueiro leva para a mata para a refeição do meio dia; grande quantidade de carne de caça para a alimentação do seringueiro.

XA: 04 BF – Maria Raimunda da Silva

P: E também pode chamar rancho ?

I: Pode chamá rancho né pode chamá rancho [ah é?] pode chamá rancho que é um rancho cosas que a gente não come mas usa né

P: A é? E assim outros tipo de coisa o que que é o rancho?

I: O rancho que que a gente chama é só aquilo que a gente se come pelo mendo aqui na miNa língua né [hunrum] no meu dizê aqui pra nós é só aquilo que se come se é um açúcar é café é u'a mantêga é u'a jabá é u'a

carne de bife é essa coisa assim ...sabão e bombril esses otos tipo de coisa assim que a gente não come a gente chama ou é mercadorias é impropis pra se cumê cosas só de uso né [sei] a gente tudo a gente se usa né mais uns é rancho né e otos é de uso né [sei] de uso é isso aí que nós chama

P: Ah então o rancho é só coisa de comida?

I: De cumida é só isso mermo

P: Ah interessante Raimunda[pois é] mui::to boa a sua explicação pra mim

XA: 06-BM Raimundo Nonato da Silva

I: O rancho o rancho a gente chama... de carne [ah é só carne]a carne tu comprou o que de rancho ?

— Eu comprei u'a conserva comprei cinco quilo de carne pra trazê de racho

P: Tá certo [é]... então tem essa diferença ?

BRA-Otair Braga 12-AM

P: Eu sei... então chamava chibé [chibé] mas também vocês não chamavam rancho por exemplo ?

I: As veze a gente chamava o rancho tamém chamava [é] mas aí quano era coisa mais já favorave né quano já ia u'a carniNa cum u'a bãnã-Nia um arroz as veiz tiNa dia que favorecia né dessa manêra aí a gente já chamava o rancho [rancho] né da boca da estrada aí já chegava mais tranquilo que tiNa comido mais bem [claro] agora quano era na veiz do chibé o negoço já tava mais mais difícil

Caldas Aulete diz que o termo borracha é de origem incerta e o define como “Odrezinho ou saco de couro em forma de pera, completamente vedado, próprio para conter líquidos”. Como termo amazônico, o significado é matéria obtida pela coagulação do látex de certas árvores, principalmente da seringueira; goma elástica, caucho.

PC 32 BM - Manoel Costa da Silva

P: Podia chamar borracha ou então pele ?

I: Era isso mermo [(agora é prancha quando era im bola era pele)]

P: Ah é?

I: É

P: Tinha pele?

I: Era antigamente chamava pele de burracha né hoje chama bola né e agora já num é mais bola chama prancha né (!!!)

P: Já não é mais uma bola [é] e assim o senhor chegou a trabalhar de madrugada?

I: Ainda cheguei ainda a cortá de noite de madrugada a partir de três hora duas hora da madrugada (...) de sair ?

A palavra estrada é de origem latina Strata e é definida como um caminho ou direção. Em sentido amazônico, é definido como um caminho com grupo de cem a cento e cinqüenta árvores da borracha que o seringueiro entalha para fazer escorrer o látex, o qual ele recolhe.

PA:45 CM Gabriel Men dos Santos

I: Cum dezesseis ano eu tumei de conta de três istrada de siringa

P: E era grandes as estradas?

I: É as maiô que eu aucupava foi de centi e oitenta madêra

P: Cento e oitenta ?

I: Centi e oitenta [eu sei] aonde tiNa meu irmão que ele tiNa quato istrada pela num cansá aucupava quato que era só cortá num tiNa que cuidá de ligure nem de nada

XA 015CM – Josias Alves de Almeida 46 anos

D: O que é a estrada seu Josias ?

L: A estrada é onde tem as seringueiras... tem até de cem arvres.

Termo não dicionarizado: **Poronga**

Porongo [do quíchua poronco, vaso de barro com o gargalo comprido; pelo esp. platino porongo.]

1. Bras. l. e N. e. Trepadeira da família das cucurbitáceas (lagenaria vulgaris), originária da África e subespontânea no Brasil, que fornece enormes frutos ocos e de casca dura, com os quais o povo do interior faz as cuias e as cabaças, porongueiro, porangueiro, cabaça, calabaca . 2. Cuia, cabaça, calabaca. [Var. purunga, purungo].

Porongo: s. m. (Bras., Sergipe (pop.) Cachaça, aguardente.

Acepção na linguagem do seringueiro.

Poronga: S. Instrumento feito de flandes utilizado pelo seringueiro para iluminar a estrada de seringa quando ele sai para trabalhar de madrugada.

PC-32 BM -Manoel Costa da Silva

P: Já não é mais uma bola [é] e assim o senhor chegou a trabalhar de madrugada?

I: Ainda cheguei ainda a cortá de noite de madrugada a partir de três hora duas hora da madrugada (...) de sair ?

P: Quando saía de madrugada ainda estava de noite né?

I: Tava de noite três hora da madrugada cansei de sair

P: E o senhor usava o quê?

I: Usava a poronga

P: Levava a poronga ?

I: Levava a poronga as vez ainda levava até a ispingarda cum medo das onça (!!!)

Para Saussure as mudanças lingüísticas não existem senão diacronicamente, para tanto necessário se faz a busca da origem para analisar o tempo e o espaço presente e relacionar aos do passado.

A língua muda justamente porque não está feita, mas sim, faz-se continuamente pela atividade lingüística. Em outros termos, muda porque é falada; porque existe apenas como técnica e modalidade do falar. Além disso, de todos os elementos lingüísticos o significado é o que menos resiste à mudança.

O falante, por sua vez, não inventa totalmente a sua expressão, mas utiliza modelos anteriores, justamente por ser este indivíduo histórico e a língua pertencer à sua historicidade.

O falar é sempre comunicar, mediante a comunicação algo se torna comum, visto que a comunicação só existe porque os que falam já têm algo em comum, ou seja, encontram-se em um mesmo plano de historicidade, por esse motivo é possível haver compreensão entre os falantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 2ª ed.

Rio de Janeiro : Delta, 1964, IV vol.

ANDRADE, Maria Margarida de. *Aspectos da linguagem dos castanheiros da região de Marabá - Pará*. Tese-L 336. São Paulo : [USP?], 1985.

COSERIU, Eugênio. *Sincronia, diacronia e história – O problema da mudança lingüística* (trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira). Rio de Janeiro : Presença, 1979.

DARMESTETER, A. *La vie des mots*. Paris : Librairie Delagrave. 1946.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª ed. rev. e aum. (8ª impressão). Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1986.

COROMINAS, J.; PASCUAL, J. A. *Dicionário crítico etimológico castelano e hispánico*. Madrid : Gredos, [s/d].

MERINGER, Rodolfo. *Lingüística indoeuropea*. Madrid : Victoriano Suárez, 1923.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico resumido*. Rio de Janeiro :

Instituto Nacional do Livro,1966.

ULLMANN, Stephen. *Semântica – uma introdução à ciência do significado*. 4ª ed. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.